

# MERCADO DE PRODUTOS

## 1 - ARROZ

Em fevereiro, o mercado paulista de arroz beneficiado esteve calmo, com pequeno volume de negócios e bem abastecido de arroz agulhinha. O arroz amarelão esteve em falta, a não ser o de qualidade inferior. A safra nova, vinda do Sul ou do Centro-Oeste, só deverá começar a entrar no final de março.

O preço médio do arroz agulhinha beneficiado, em fevereiro, foi inferior, em termos reais, ao praticado no mês anterior (10%), seis meses antes (20%) e um ano atrás (20%).

Os preços ao produtor para o arroz da safra 1991/92 atingiram seu pico em setembro no caso do agulhinha e, em novembro, no caso do amarelão, caindo sistematicamente em seguida. Em março, com a oferta de produto recém-colhido, os preços tendem a cair ainda mais, embora a liberação de recursos para Empréstimos do Governo Federal (EGFs) possa atenuar essa tendência.

Em fevereiro, os preços do arroz em casca caíram cerca de 10% relativamente aos praticados em janeiro, tanto em São Paulo quanto no Rio Grande do Sul e em Goiás. Em relação aos preços praticados seis meses atrás houve queda real de 20% no Rio Grande do Sul, de 13% em São Paulo e de 10% em Goiás. Já em relação aos praticados em fevereiro de 1992 houve queda real de preço apenas para o amarelão paulista, da ordem de 4%, sendo que o amarelão do Centro-Oeste valorizou 30% e o agulhinha registrou valores reais muito próximos.

Também no varejo, os preços do arroz evoluíram abaixo da inflação. O preço médio no mercado paulistano ficou praticamente 15% abaixo do verificado no mês anterior e em fevereiro de 1992.

Com a entrada da safra, os consumidores devem continuar sendo beneficiados pela evolução dos preços do produto significativamente abaixo da inflação.

Sonia Santana Martins

## 2 - CANA-DE-AÇÚCAR

Até 01/02/93, já finalizando a safra industrial do açúcar e álcool do Centro-Sul, a quantidade de cana moída nos estados da região (176,2 milhões de toneladas) ficou aquém das 185,4 milhões de toneladas previstas.

No Estado de São Paulo, maior produtor do País, também, as 136,6 milhões de toneladas, efetivamente moídas, estiveram abaixo da previsão de 143,1 milhões de toneladas.

Tal fato refletiu-se basicamente sobre a quantidade produzida de álcool, cujo volume foi 7,8% menor que os 8,6 bilhões de litros previstos. A produção de açúcar, entretanto, superou a marca esperada em 23,1% e 13,6%, respectivamente, para o Estado de São Paulo e para a região.

A queda no consumo de álcool, a partir do início da década de 90, vem resultando em menores níveis de produção nas últimas safras. O consumo médio mensal por veículo vem caindo desde 1989. Nesse ano, a média foi de 221 litros/veículo/mês. Nos anos seguintes, foi de 201, 203 e apenas 187 em 1992.

Contribuíram também para essa queda: o menor percentual de mistura do álcool anidro na gasolina e a importação de metanol e MTBE que, na safra 1992/93, representaram 740 milhões de litros. O pleiteado retorno para os 22% de álcool anidro misturado à gasolina somente foi concretizado no final de outubro de 1992.

Um possível déficit, na produção total de álcool nesta safra, será compensado pelo estoque disponível no Estado de São Paulo (2,075 bilhões de litros) em 15/02/93. A demanda total prevista para a Região Centro-Sul é de 11,25 bilhões de litros, contra uma oferta total de 10,8 bilhões de litros.

Embora os produtores reclamem da defasagem de preço, o reajuste acumulado da tonelada da cana foi de 1.246,7%, de março de 1992 a março de 1993, superando os índices inflacionários do período. Além disso, as condições climáticas favoráveis propiciaram um bom rendimento agrícola, resultando em ágio significativo sobre o preço da tonelada,

fixado com base no teor de sacarose da matéria-prima.

Notícias recentes sobre as novas medidas anunciadas pelo Governo Federal, com o objetivo de apoiar o PROÁLCOOL, suscitaram ânimo nos produtores paulistas, no sentido de ampliarem a área de renovação dos canaviais. No entanto, para a safra 1993/94 que se iniciará em maio próximo, a cana a ser cortada é a que foi plantada no primeiro quadrimestre de 1992. Eventualmente, essas medidas poderão ter algum reflexo sobre o atual plantio (até o final de abril), mas cuja colheita somente se efetuará na safra industrial 1994/95.

Regina Junko Yoshii

### 3 - FEIJÃO

Em fevereiro, o mercado cerealista de São Paulo foi abastecido com feijão originado de Santa Catarina (60%), Paraná e interior de São Paulo.

O produtor paulista recebeu em média Cr\$400.000,00/sc. 60 kg de feijão carioquinha, superando em apenas 8,8% o preço médio recebido no mês anterior, acusando, portanto, uma perda real de 14%, diante da inflação de 26,5% medida pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mas ainda acima do mínimo de garantia de Cr\$389.902,20/60 kg.

A iniciativa do Governo Federal de amenizar os problemas de elevados estoques de feijão em Santa Catarina, distribuindo 100.000 toneladas do produto para a população com renda familiar até dois salários, resultou numa diminuição da pressão de oferta e acelerou o movimento de compras por parte dos grandes atacadistas, contribuindo para a reação altista nos preços de feijão em nível de produtor e permitindo sua manutenção acima do preço mínimo de garantia no Estado de São Paulo.

Os preços pagos aos produtores deverão sofrer elevados reajustes em março, uma vez que a primeira safra da Região Centro-Sul está praticamente concluída, enquanto que se iniciará a comercialização da safra da Região Nordeste, principalmente da região de Irecê. Para essa produção chegar em São Paulo, maior importador e consumidor de feijão de

outros Estados, adicionam-se ao preço do produtor Cr\$75.000,00/sc. como despesas de frete, além dos impostos recolhidos na fonte, atingindo o preço total de até Cr\$650.000,00/sc. 60 kg.

No mercado atacadista, a cotação de feijão carioquinha extra-novo iniciou o mês de março variando de Cr\$680.000,00 a Cr\$780.000,00, com preço mais freqüente de Cr\$730.000,00/sc. 60 kg.

No varejo, não estão acontecendo maiores variações de preços, porque as grandes redes de supermercado estão utilizando o feijão como produto chamariz.

Luiz Carlos Miranda

### 4 - MANDIOCA

O início da safra paulista de mandioca vem ocorrendo sob condições chuvosas, o que tem atrapalhado o arranquio da raiz. Essa situação contribuiu para que os preços médios recebidos pelos produtores em fevereiro, de cerca de Cr\$1.000.000,00 por tonelada, tenham se mantido iguais, em termos reais, relativamente ao mês anterior, auge da entressafra.

As perspectivas iniciais, face às previsões de maior oferta na safra 1992/93 que se iniciam, eram de queda de preços. Além da lentidão com que a safra está se iniciando, outros fatores também estão servindo para impedir que os preços caiam. Entre eles destacam-se: a) o fato de indústrias mineiras já estarem comprando raiz em São Paulo; b) a época de arranquio de mandioca nova deverá ser deslocada e se avolumar somente a partir de agosto, pois os plantios efetuados em maio de 1992 foram prejudicados pela ocorrência de períodos de estiagem na principal região produtora do estado; c) as associações de produtores e de industriais, depois de sucessivas reuniões, conseguiram estabelecer um acordo de preços; e d) embora o fluxo de farinha para a região nordestina tenha diminuído significativamente, em função dos elevados preços do produto, que induziram à sua substituição por outros alimentos, como é o caso do arroz, a perspectiva ainda é de grande demanda, pois as condições de seca naquela região são muito graves, inclusive dificultando o plantio atual, o que aumenta a perspectiva de que a demanda permanecerá aquecida por mais tempo.

Mesmo que o poder de compra, na região, permaneça baixo, certamente deverá ocorrer forte intervenção do Governo, visando minorar os problemas da fome. Como os estoques governamentais estão praticamente zerados, haverá uma ação de recomposição dos mesmos.

Nesse sentido, procede as reivindicações dos agricultores de que o preço mínimo da mandioca seja reajustado, pois os atuais Cr\$502.820,00/tonelada estão muito aquém do preço de mercado ora vigente e o produtor do Centro-Sul, onde se destacam os Estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, não poderá arcar com o ônus de colocar seu produto no Nordeste, com base no atual preço mínimo. O custo operacional total estimado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), com valores de março de 1993, é de Cr\$517.073,00 por tonelada.

José Roberto da Silva

## 5 - MILHO

As chuvas, em fevereiro, não permitiram o andamento normal da colheita em São Paulo (iniciada em janeiro) e em outros estados do Centro-Sul. Dessa forma, as entradas da nova safra limitaram-se a pequenos volumes, o que impediu, de certo modo, quedas mais acentuadas de preços.

Prevê-se para a Região Centro-Sul redução de 6% a 7% da área na safra 1992/93 em relação à safra anterior. Com um estoque inicial de 3,1 milhões de toneladas e produção nacional prevista em 27,4 milhões de toneladas, embora 6% menor que a do ano anterior, a oferta será suficiente para atendimento da demanda interna, da ordem de 27 a 28 milhões de toneladas. O Nordeste deverá continuar importando do exterior o milho necessário para seu consumo, face ao elevado custo de aquisição do cereal no Centro-Oeste.

O mercado interno de milho, em 1993, apresenta perspectivas de preços reais superiores aos do ano anterior, face à queda da produção do Centro-Sul e ao aumento da demanda por parte da avicultura. Há, entretanto, fatores adversos ao comportamento altista dos preços na presente temporada, como: o razoável volume de estoque de passagem disponível

em maior número de regiões produtoras; o aumento da oferta no mercado internacional (mormente na Argentina); a competição de preços de outros componentes de rações; e a indefinição governamental para a liberação de recursos para financiamento da comercialização da safra.

Os preços recebidos pelos produtores apresentaram-se estáveis em termos correntes, no decorrer de fevereiro, situando-se a média no Estado de São Paulo em Cr\$116.500,00 por saca de 60 kg. Este preço é superior ao preço mínimo vigente (Cr\$98.700,00), mas 14,8% inferior ao de fevereiro de 1992, em termos reais.

Alfredo Tsunechiro

## 6 - SOJA

O relatório de oferta e demanda de soja e derivados divulgados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em fevereiro, teve um impacto pouco expressivo sobre o mercado do grão. Este apresentou-se sem grandes oscilações de preços no decorrer do mês, no aguardo da confirmação das estimativas de safras dos países do Cone Sul (Argentina e Brasil). Em princípio, a produção mundial deverá apresentar em 1992/93 aumento de 7% em relação ao ano anterior, totalizando 114,4 milhões de toneladas, das quais 59,9 milhões de toneladas relativas à produção estadunidense, 20,8 milhões de toneladas à produção brasileira e 11,2 milhões de toneladas à produção argentina.

A tônica do mercado será dada, mais uma vez, pela demanda mundial que, até o momento, tem se mostrado bastante ativa, como demonstra o ritmo das exportações estadunidenses nos últimos seis meses, superior ao esperado pelo mercado.

Com o início da colheita brasileira de soja, seguida pela da argentina, as cotações do grão deverão apresentar pequena queda, acompanhando a entrada de maior volume do produto no mercado. Um fator, entretanto, que poderá sinalizar cotações mais fortemente descendentes a curto prazo, é a divulgação em abril, da 1ª intenção de plantio dos produtores estadunidenses em 1993/94 pelo USDA, já que observações preliminares indicam que deverá ocorrer preferência pela soja em detrimento do milho, ainda que não haja alteração da área de

plântio em termos agregados. Apesar disso, não se espera que as cotações a partir de abril caiam para patamares inferiores a US\$5,50/bushel.

Em nível interno, a colheita vem se intensificando, sendo que estima-se, em nível de Brasil, que o produto de 5% da área plantada já esteja no mercado. Em São Paulo, a colheita já atinge 15% da área de plântio, não se observando problemas com relação ao clima para a execução dos trabalhos.

De modo geral, o mercado vinha trabalhando com volume de colheita entre 21,8 e 22,0 milhões de toneladas em nível de Brasil. Esse número foi confirmado através da divulgação pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) de levantamento realizado em fevereiro, segundo o qual a safra deverá ser de 21,9 milhões de toneladas.

A partir de meados de março deverá intensificar-se a colheita de soja em todos os estados produtores com seu ápice sendo atingido em abril, quando também a safra argentina deverá se intensificar, levando a crer que, nesse período, as cotações internas poderão estar em seu patamar baixo, ao redor de US\$9,50/sc. de 60 kg.

Por ora, o preço médio recebido pelo produtor paulista em fevereiro atingiu Cr\$193.480,00/sc. (US\$10,66), 11,3% maior que o de janeiro, embora em termos reais registre uma perda de 12,04%. Em relação a seis meses e um ano atrás, o preço médio de fevereiro de 1993 acusa perdas pouco significativas de 1,38% e 0,67%, respectivamente.

Marina Brasil Rocha

## 7 - TRIGO

Em 1992, o Brasil internalizou 130 mil toneladas de trigo dos Estados Unidos sob o EEP, que tiveram a incidência de alíquota compensatória estabelecida pelo Governo Federal. Para 1993 ainda não ocorreu nenhuma oferta.

Estima-se que em 1992 o Brasil consumiu cerca de 6,4 milhões de toneladas de trigo, acusando, portanto, redução de consumo de 500 mil a 1,0 milhão de toneladas comparativamente a 1990 e 1991.

A Argentina, em função de acordo bilate-

ral, tem uma cota de exportação para 1993 de 2 milhões de toneladas de trigo e 320 mil toneladas de farinha, que deverá ser colocada no mercado brasileiro.

Estão chegando nos portos brasileiros uma média de 50 a 60 mil toneladas de trigo canadense por mês, correspondentes a negócios contratados em diversas datas. Convém ressaltar ainda que a alíquota de importação de trigo caiu de 15% para 5%, o que favorece as importações. Para importação do trigo argentino, o imposto passou a ser de 1,6%.

A comercialização do trigo nacional continua lenta e ainda existem estoques nas cooperativas. Os preços têm atingido US\$150/t no norte do Paraná e até US\$152 no interior de São Paulo.

Para março, o valor do Preço de Liberação de Estoque é de Cr\$5.221.250/tonelada, enquanto o preço de mercado posto São Paulo é da ordem de Cr\$4.400.000,00.

Para a safra de 1993, o preço mínimo do trigo é US\$140/t ao câmbio de 1º de março. A estimativa de custo do IEA para a cultura do trigo, na região de Assis em 1992, foi de US\$103,50/t.

Ana Victória Vieira Martins Monteiro

## 8 - SUINOCULTURA

Historicamente, para o mercado de suínos, o primeiro bimestre é o período mais difícil do ano: safra de carne bovina, calor intenso, temporada de férias escolares e menor consumo pós-festas natalinas.

Apesar de uma demanda retraída e ainda com algum estoque em nível de indústria, na Região Sul do País, principal produtora, os preços continuam sendo corrigidos tanto nas integrações criador-indústria como no mercado livre, mesmo que de forma insuficiente para evitar a perda real nos três níveis de mercado. Na Região Sudeste, as cotações mantiveram-se mais deprimidas, pois, além dos produtores independentes ficarem mais a mercê do mercado do que os integrados, as indústrias dessa região estão se abastecendo de matéria-prima sulina.

O setor deverá, a partir de março, iniciar um processo de recomposição de estoques nos quais os preços poderão manter um equilíbrio ao redor de

US\$0,70/0,75 por quilograma no mercado livre. Essa tendência significa uma rentabilidade razoável aos produtores neste primeiro semestre, visto que o preço do milho não deverá reagir até o final de maio.

Eloisa Elena Bortoleto

areposição do plantel.

Em resumo, o comportamento do mercado do boi gordo deve manter-se neste ritmo de comercialização em pequena escala, apesar do risco de acumular um grande número de animais para abate no fim da safra.

Carlos Roberto Ferreira Bueno

## 9 - BOVINOCULTURA DE CORTE

O preço médio do boi gordo, observado em fevereiro, foi de Cr\$390.037,00/@ à vista (correspondente a US\$21,83), 4,58% menor do que o verificado em janeiro, porém ainda é razoável em se tratando de período de safra.

Nas demais categorias, para o mesmo período, o comportamento dos preços foi semelhante ao do boi gordo com exceção da valorização real de 5,35% no preço do bezerro. É coerente essa valorização de bezerras no momento em que há expectativa e incerteza quanto ao mercado financeiro, pois as aplicações em ativos reais ganham a preferência dos pecuaristas.

No segmento de mercado referente ao atacado e varejo, a posição dos preços da carne bovina em fevereiro traduzem decréscimos, em termos reais, tanto em relação ao mês anterior quanto aos doze últimos meses.

Essa situação evidencia a estagnação da demanda interna na qual os níveis salariais não são compatíveis com os preços praticados no varejo por um produto de alta elasticidade-renda da demanda, como a carne bovina.

Os leilões da CONAB continuam não atraindo a atenção dos compradores e a carne estocada já está com seus prazos de comercialização próximos da data de vencimento.

Recentemente, representantes oficiais do departamento de agricultura norte-americano, em visita oficial a estabelecimentos de abate no Estado de São Paulo, com fins de credenciamento para exportação, advertiram dois frigoríficos já credenciados. Os EUA demonstram receios quanto ao controle de resíduos de pesticidas e das doenças infecciosas, como a febre aftosa.

A relação de troca entre boi gordo e boi magro está em 1,48 neste mês, próximo, portanto, do índice de 1,50 que é considerado razoável para